



MAR DE SENTIDOS. A METÁFORA NO ENTRELAÇAMENTO ENTRE A SUBJETIVIDADE E O IMAGINÁRIO NA CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICANTE MAR

Priscila Cavalcante do Amaral¹

Introdução

Viver próximo ao mar produziu em nós certa inquietação, inquietação esta que nos levou, em nossa pesquisa de mestrado, a investigar o funcionamento dos discursos sobre o mar, mais precisamente os efeitos de sentido desses discursos em relação às metáforas produzidas por sujeitos que trabalham no mar, que contemplam o mar e que o estudam. Assim, envoltas nas redes de sentidos do significante “mar” fomos instadas a observar a maneira como os sujeitos enunciadore (re)significam o mar e como essas (re)significações causam estranhamento na medida em que apontam um desconforto quando postas em relação com uma normalidade, isto é, com um imaginário científico que, organizado em um mundo logicamente estabilizado das ciências do mar, não encontraria nas metáforas e, logicamente, nos sentidos aí presentes um modo adequado de falar do/sobre o mar.

Dessa forma, ao colocar-se para nós como uma materialidade, o mar trouxe-nos muitas questões, mas, talvez, a premente para a reflexão que estamos propondo seja: é possível considerar a metáfora discursiva como um processo? E, mais, o que há nesse processo de efeito do imaginário?

Assim, fígadas por essas indagações e buscando aquietá-las, elegemos o aporte teórico da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, pelas contribuições de Michel Pêcheux e o olhar psicanalítico de J. Lacan, na medida em que ambos nos permitem observar – como analistas de discurso que somos – os sujeitos e os sentidos a partir de sua constituição. Com Pêcheux, somos autorizadas a investigar como as metáforas do mar afetam a estabilidade da noção de mar proposta pelas ciências marítimas à medida que passam a representar a materialidade de um discurso outro sobre o mar. Com Lacan, podemos observar o domínio do inconsciente, como lugar do Outro, onde “se situa a cadeia do significante que comanda tudo o que vai se presentificar do sujeito” (1995, p.193-194) e, como acrescenta Pêcheux (2009, p. 240), dos sentidos.

Da perspectiva que visamos explicitar, sujeito e sentido são postulados em suas relações com o inconsciente, pois, para nós, não há sentido sem sujeito, nem sujeito sem inconsciente; lembrando a reflexão de Robin (apud ECKERT-HOFF, 2008, p. 42), o sentido jamais está colado à palavra, o sujeito busca sempre restituir a adequação imaginária entre as palavras e as coisas, entre a presença e a ausência, entre o que falta e o que excede. Aproximando essa observação da definição lacaniana de inconsciente, podemos dizer que há uma dominação do sujeito pelo significante que o predetermina lá mesmo onde ele crê escapar a toda determinação de uma

¹ Mestre Letras / Especialidade Teorias do texto e do discurso - UFRGS

linguagem que ele pensa controlar, pois sempre o dito vai além do querer dizer, sempre há um descontrolo.

Assim, consideramos ser a metáfora um dos processos de adequação que irrompem no discurso a partir desse “não controle” e, em face disso, pensamos que as metáforas sobre o mar, ao introduzirem um enunciador outro que desestabiliza o universo lógico das *coisas-a-saber*, permitem-nos observar o modo como o sujeito do discurso, ao ocupar o lugar social daquele que trabalha no mar ou daquele que contempla o mar, enuncia a partir de uma posição-sujeito no interior da formação discursiva (FD) com a qual se identifica. E, na medida em que se identifica, constitui e é constituído por um **imaginário** – entendido aqui, a partir de Lacan, como uma relação especular dual (que *consiste*) – que, por um lado, é continuamente submetido à invasão do **real**, isto é, do que *ex-siste*, do que é impossível de ser simbolizado, e, por outro lado, é reconstituído pelo **simbólico**, ou seja, por aquilo que *insiste* (saber do inconsciente/saber que não se sabe).

A partir dessas noções lacanianas, entendemos que os discursos sobre o mar são reflexos do imaginário que se manifestam em um ser falante, isto é, um ser *falante* (parlêtre) sujeito a falhas que se move entre a incompletude e o desejo de ser completo. Dessa forma, as palavras desses sujeitos funcionam como sintomas passíveis de escuta e, diante disso, de acordo com Coutinho Jorge (2011, p. 81), Lacan assimilará o Significante, isto é, *a representação de um sujeito para outro significante* (1982, p.195), à **enunciação** e assimilará o **enunciado** ao ponto concreto do discurso no qual vêm atar-se o significante e o significado.

Com isso, estamos considerando “mar” como um significante que coloca em cena a contradição (a alteridade), a falha que há entre o imaginário logicamente estabilizado e o real que nos constitui e que se expressa a partir do lugar da discordância, isto é, do ponto da “inadequação do imaginário ao objeto no homem” (HENRY, 1992, p. 176), lugar onde o sentido pode ser outro e onde a metáfora reside.

2. Às voltas com metáfora discursiva

A noção de metáfora ocupa um lugar importante no desenvolvimento do escopo teórico da Análise de Discurso de linha francesa. Ela sinaliza a constante reelaboração a que a teoria do discurso foi submetida na obra de Pêcheux. Podemos dizer que é por meio das reconfigurações dessa noção que são trabalhadas as questões referentes à desconstrução da regularidade e da estabilidade dos sentidos no discurso. Sendo assim, acreditamos que a metáfora apareça em Pêcheux como uma estrutura complexa ligada inextricavelmente à formação discursiva.

Diante disso, aproximamos nosso *corpo discursivo* da *via experimental* proposta por Courtine (2009, p. 155-158), para quem a experimentação surge como uma solução para se refletir sobre os processos discursivos de reprodução/transformação de enunciados no interior de uma *formação discursiva*. Assim, ao formularmos um enunciado morfossintático composto por *um sintagma nominal mais verbo de ligação – Mar é... –*, fazemos isso a partir do entrelaçamento entre base linguística e

processo discursivo, o que significa que atuamos na materialidade do discurso, ou seja, no contato entre o ideológico e o linguístico.

Para melhor vislumbrar o que estamos pensando, propomo-nos, neste ponto, a realizar um *experimento analítico*, assim designado por se tratar de uma tentativa. Para tanto, tomamos o discurso do/sobre o mar a partir do enunciado proferido por um sujeito que *trabalha no mar*. Tal enunciado será posto em relação ao conhecimento da ciência sobre o mar, que o define como *uma porção extensa de água salgada*. Com esse cotejo, interessa-nos examinar o trabalho do **imaginário** nos sujeitos e o modo como ele atua na transferência dos sentidos em conjunto com o inconsciente; interessa-nos, justamente, *aquilo que escapa com sentido outro*. Dessa forma, com esta pesquisa queremos *escutar* a primeira palavra, aquela que escorrega e que quase sempre tentamos corrigir ou (re)significar.

Nessa direção, elegemos para esta análise o enunciado proferido por um filipino em sua primeira viagem como tripulante de um navio da Marinha mercante. Quando o questionamos sobre o que o mar significava para ele, a resposta que recebemos foi:

E1: “Mar é perigo. Quer dizer... Não é bem isso. É solidão”.

Neste enunciado, detemo-nos em duas passagens, a do significante “*perigo*” e a da negação articulada aqui em uma retomada que, supostamente, apagaria o afirmado anteriormente. Tomamos, primeiramente, a questão do significante observando-o a partir da movência dos sentidos.

Desse modo, cabe ressaltar que o sujeito contemporâneo, em sua constituição subjetiva, encontra-se submetido ao Sujeito do capital, o qual coloca para o sujeito contemporâneo a relação com o trabalho. E, para que essa submissão do sujeito como *trabalhador* ocorra, é necessário produzir nos sujeitos, como apontam Mariani e Magalhães:

desde o início do seu estar-no-mundo, marcas que estarão para sempre em sua estrutura psíquica. Dessa forma agem as práticas ideológicas sobre a estrutura psíquica do sujeito em formação, fazendo com que o inconsciente de cada sujeito tomado em sua singularidade esteja relacionado à fala ideológica que será dita antes do nascimento de cada ser humano. (MARIANI E MAGALHÃES, 2011, p.135-136)

Com isso, podemos ver que significantes e sentidos estão inter-relacionados na constituição do sujeito, na medida em que é na relação com o simbólico que o sujeito, sem perceber, coloca-se na cadeia do significante que o constitui, significando-o.

Por conseguinte, trazendo o enunciado supracitado para o campo da historicidade, temos uma posição-sujeito que enuncia imersa em determinadas condições de produção. Nesse sentido, cabe dizer que o país de origem do entrevistado, a República das Filipinas, em seu aspecto geográfico, situa-se em um arquipélago rodeado por quatro mares. Assim, não é de se estranhar que muito de sua economia tenha ligação com as águas salgadas e que muitos filipinos busquem na lida com o mar sua subsistência. Diante disso, o sujeito aqui entrevistado “fez-se ao mar”. Mas as longas



viagens e a imensidão deserta dos oceanos configuraram uma nova face para sua relação com o mar.

Essa nova configuração, por seu turno, autoriza-nos a pensá-la a partir da falta daquilo que constitui esse sujeito como “uno”, pois não há uma identificação plena do sujeito com o imaginário que o representa, na medida em que as marcas – do *estar-no-mundo* – de sua estrutura psíquica se encontram afetadas pelo estranho. O modo de simbolizar, de estar na cadeia do significante é distinto, a cultura passa a produzir sentidos outros; ou seja, como construção social, a cultura dentro do navio passa a ser plural, pois suas múltiplas formas de expressão (língua, costumes, religiões, saberes...) são diversas, na medida em que a tripulação é composta por filipinos, alemães e croatas. Assim, a cultura no/do navio, ao mesmo tempo em que é plural, é marcada pela falta. Trata-se de uma falta que o sujeito tenta sanar pelo deslizamento incessante de significações (imaginárias), pois, mesmo que sua cultura esteja representada ali, não está representada na sua totalidade: há apagamentos, encobrimentos da historicidade de certos fatos sociais. Esses encobrimentos podem ser pensados a partir do papel cultural desempenhado pelos filipinos nessas embarcações, haja vista que eles são contratados apenas para desempenhar funções práticas pouco dispendiosas, pois há um consenso na Marinha mercante que rotula os trabalhadores filipinos como mão de obra barata.

Nesse sentido, o significante “perigo” presente no enunciado leva-nos a perceber, a partir de sua significação, a falta daquilo que é familiar a esta posição-sujeito, daquilo que a identifica. O mar passa a representar um perigo, na medida em que personifica a ausência-presença daquilo que constitui este sujeito, ou seja, sua cultura, seu imaginário de singularidade, de simbolização do mundo.

Desse modo, o sentido de “mar” – *extensa porção de água salgada* – é distanciado da rede de significantes, mas não apagado, o que mostra que, na metáfora, o processo de substituição não se reduz a uma permutação de significantes e, sim, configura-se por uma junção, uma associação, que mantém em uma presença-ausência o significado outro.

Essa substituição, por seu turno, mostra-nos um sujeito que antes se encontrava filiado a uma formação discursiva na qual o mar figurava como uma possibilidade de desenvolvimento profissional e pessoal, mas que, agora, passa a *contraidentificar-se* com essa formação discursiva na medida em que começa a questionar os saberes que a compõem, uma vez que saberes outros passam a interpelar esse sujeito, colocando para ele uma relação de confronto entre o imaginário que o constitui e a realidade que o afeta, que lhe é imposta. Dessa forma, quando o sujeito fala, marcam-se simultaneamente a esse falar traços do registro inconsciente e do assujeitamento ideológico, ambos operando de forma oculta, pois, como já foi colocado, o sujeito não se percebe constituído, preso a essa rede de significantes que o constitui.

Do ponto de vista discursivo, podemos dizer, então, que o funcionamento da língua e dos sujeitos não é evidente – como nos faz crer que seja a ideologia em seu trabalho de produção das evidências –, pois, com a autonomia do significante sobre o significado, há uma relativização da



língua como expressão do mundo, ou seja, ela passa a comportar o *não todo dos sentidos*, o *impossível*, aquilo que é considerado como seu real. Nas palavras de Pêcheux (2008, p. 29), “há real, isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser *assim*”. Desse modo, o real da língua não se submete às regras formais da língua lógica, ele não é transparente, mas atravessado por falhas, furos e fissuras que se evidenciam nos jogos de palavras.

Essas falhas levaram Leandro-Ferreira pensar em sua tese o lugar da *resistência* na língua e nos sujeitos, ou seja, o lugar da ambivalência do sujeito, que, ao mesmo tempo em que *é sujeito de*, também *é sujeito a*, marcando, assim, a contradição que o constitui na medida em que esse sujeito, ao colocar-se como produtor da língua, constitui-se e a constitui no âmbito de acontecimentos histórico-sociais que dão à língua uma densidade, uma resistência. Aproximando estas colocações de nosso enunciado, podemos pensar, então, o termo “perigo”, logo corrigido a partir da negação “não é bem assim”, como uma falha, um não controle que precisa ser controlado. E a negação desempenha essa tentativa de controle, pois a posição-sujeito, a partir de uma tomada de consciência, tenta apagar pela negação aquilo que a constitui sem que ela o saiba. Dessa forma, podemos dizer que a resistência da língua cria uma resistência pré-consciente/consciente do sujeito, uma espécie de confronto entre a ordem do enunciável e a ordem da língua.

Tendo por base o que foi discutido até este momento, percebemos que essa posição-sujeito (re)significa o *mar* a partir da ausência, e, para lidar com essa falta que o constitui, esse sujeito tende a querer transformar a realidade que o afeta. Nesse sentido, o sujeito afetado pelo inconsciente, interpelado pela ideologia e pelos processos de produção dos sentidos, ou seja, imerso em uma subjetividade objetivada, coloca-se em seu enunciado, num primeiro momento, pelo significante “*perigo*”, o qual surge como uma manifestação do inconsciente, na medida em que ele desloca o significante “*mar*”, ou seja, que ele (re)significa o *mar* a partir daquilo que constitui o *imaginário de mar* para o sujeito, mesmo que ele não o saiba conscientemente. E, em um segundo momento, por meio de uma negação que permite olhar para esse *não saber* que se produz no inconsciente e que tem relação com o saber possível do sujeito, gerando o que, nesta pesquisa, chamamos de **resistência**. A resistência atua, então, no enunciado analisado, como uma tentativa de controle do dizer, uma tentativa de conter o estranho.

Algumas considerações

Com essa pesquisa entendemos: que o sentido se dá no “não-sentido”, os sujeitos produzem seus sentidos a partir da falta que os constitui. Nessas condições a metáfora torna-se um processo complexo e amplo, que envolve, como atestam as análises, um saber que se constitui em um real que não se sabe, mas que produz sentidos. Tal real como vimos é sempre posto em relação a um imaginário constitutivo de uma historicidade.

Os sentidos, portanto, em uma teoria materialista atravessada pelo inconsciente são sempre produzidos a partir de uma clivagem. Dessa forma, se recorrermos ao mito de Jano encontraremos esse sujeito dividido entre o real que o constitui e o imaginário que representa a realidade para este



sujeito. Logo, é no enlaçamento entre o significante e o sujeito que ambos se subjetivam em uma dupla significação, entendida aqui como a significação do mar e a significação do sujeito.

Dessa forma, parece-nos que no final – ou melhor, em algum ponto na dispersão – nossas articulações apontaram-nos o mar como um estranho-familiar que se constitui sempre no esvaecimento do Outro, na falta. Há um marulho constante no sujeito, há um *devoir* que se configura na ausência e que se expõem na materialidade da língua fazendo funcionar no familiar do mar o estranho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORBIN, Alain. Território do Vazio: a praia no imaginário ocidental. Rio de Janeiro: Cia das letras, 1989.

COURTINE, Jean Jacques. Análise de Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

ECKERT-HOFF, Beatriz. Escritura de si e identidade. O sujeito-professor em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

HENRY, Paul. A ferramenta imperfeita. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: _____. Escritos. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 101-188.

_____. A instância da letra no inconsciente, ou a razão desde Freud. In: _____. Escritos. São Paulo: Perspectiva, 2011.p.223-260.

LEANDRO-FERREIRA, M.C. Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 2000.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethânia. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. Linguagem em (Dis)curso. Palhoça, Vol.10, nº 2, p. 391-408, 2010. .

MILNER, Jean-Claude. O amor da língua. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, nº 19, p. 7-24, 1990. [1981]

_____. Discurso: estrutura ou acontecimento. Traduzido por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2008. [1983]

_____. Semântica e discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. [1975].

_____. Metáfora e Interdiscurso. In: ORLANDI, E. P. Análise de discurso de Michel Pêcheux: Textos Escolhidos. Campinas: Pontes, 2011. [1984].